



SENHOR FEDOR





David Williams

SENHOR FEDOR

Ilustrações de Quentin Blake

Tradução de Edmundo Barreiros



Copyright do texto © 2009 David Walliams
Copyright das ilustrações © 2009 Quentin Blake
Copyright da tradução © 2014 Editora Intrínseca
Traduzido com autorização de HarperCollins Publishers Ltd. Publicado originalmente por HarperCollins Children's Books. Autor e ilustrador reservam a si o direito de serem identificados como tais.

TÍTULO ORIGINAL

Mr Stink

PREPARAÇÃO

Sheila Louzada

REVISÃO

Isabela Fraga

Ana Carla Sousa

ADAPTAÇÃO DE CAPA E PROJETO GRÁFICO

Julio Moreira

TRATAMENTO E ADAPTAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES

ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W183s

Walliams, David

Senhor Fedor / David Walliams ; ilustrações Quentin Blake ; tradução Edmundo Barreiros. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2014.

224 p. : il. ; 21 cm.

Tradução de: Mr Stink

ISBN 978-85-8057-597-2

1. Ficção infantojuvenil inglesa. I. Blake, Quentin. II. Barreiros, Edmundo. III. Título.

14-14603

CDD: 028.5

CDU: 087.5

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para minha mãe, Kathleen, a pessoa
mais bondosa que já conheci.*



Agradecimentos

Mais uma vez Quentin Blake me deu a honra de ilustrar meu livro com seu trabalho sublime, pelo qual lhe sou enormemente grato. Ainda não consigo acreditar que trabalhei com essa grande lenda. Outras pessoas a quem gostaria de agradecer são Mario Santos e Ann-Janine Murtagh, da HarperCollins, por mais uma vez acreditarem em mim. Nick Lake, meu editor, merece um grande obrigado por extrair o máximo de mim e por me levar para tomar chá com bolo. O preparador de texto, Alex Antscherl; o designer responsável pela capa, James Annal; e a designer do miolo, Elorine Grant, fizeram todos trabalhos magníficos. Obrigado também ao pessoal da HarperCollins que atuou com muita dedicação na promoção e distribuição do livro, em especial a Sam White. Meu agente literário, Paul Stevens, da Independent, também é um sujeito bem legal, e cuida de forma brilhante de todos os assuntos contratuais importantes que meu cérebro não consegue processar.

Por fim, gostaria de agradecer também a todos — especialmente às crianças — que me escreveram para dizer

que gostaram de meu primeiro livro, *O menino de vestido*. É muito emocionante quando alguém dedica seu tempo a escrever uma carta, e isso me estimulou muito enquanto trabalhava em *Senhor Fedor*. Espero não decepcioná-los com este novo livro.

1

Raspe e cheire

O Sr. Fedor era um sujeito fedido. E fedorento. E, se existe a palavra fedegoso, então ele era também fedegoso. Era o fedorento fedegoso mais fedido do mundo.

O fedor é o pior tipo de cheiro. É pior que o mau cheiro. E o mau cheiro é pior que o odor desagradável. E olhe que um odor desagradável já faz muita gente torcer o nariz.

O Sr. Fedor não tinha culpa por feder. Afinal de contas, ele era um mendigo. Sem casa, não podia tomar um banho decente como eu ou você. Com o passar do tempo, o cheiro só piorou. Veja um retrato do Sr. Fedor na próxima página.

Veja só como ele se veste com esmero, sempre de gravata-borboleta e paletó de lã. Mas não se engane. A ilustração não faz justiça ao cheiro. Se este livro fosse uma daquelas propagandas de perfume em que você raspa a



página e sente o aroma, o fedor seria tão forte que você teria que jogá-lo na lata de lixo. E depois enterrar a lata. Bem fundo.

Ele andava com uma cadelinha preta, a Duquesa. Ela não era de nenhuma raça específica, era apenas uma cadela mesmo. Duquesa também fedia, mas não tanto quanto o Sr. Fedor. Na verdade, nada no mundo fedia tanto quanto ele. Com exceção de sua barba, sempre cheia de peda-

cinhos velhos de ovo, salsicha e queijo que haviam caído de sua boca anos antes. Aquela barba nunca sequer fora apresentada a um sabonete, por isso tinha sua fedentina especial, que era ainda pior do que a fedentina geral do Sr. Fedor.

Certa manhã, o Sr. Fedor simplesmente apareceu na cidade e fixou residência em um velho banco de madeira. Ninguém sabia de onde ele tinha vindo nem para onde ia. Os moradores da cidade não o tratavam mal. Às vezes jogavam algumas moedas a seus pés, antes de se afastarem depressa, com os olhos lacrimejando. Mas ninguém chegava a tratá-lo *bem* de verdade. Ninguém parava para bater um papo.

Pelo menos não até o dia em que enfim uma garotinha reuniu coragem para falar com ele. E é aí que começa nossa história.

— Oi — disse a menina, com a voz um pouco trêmula por causa do nervosismo.

A menina se chamava Chloe. Ela tinha só doze anos e nunca havia falado com um mendigo antes. Sua mãe a proibira de falar com “essa gentinha”. A mãe desaprovava que a filha conversasse até com as crianças pobres das redondezas. Mas Chloe não via o Sr. Fedor como *gentinha*. Ela o via como um homem que parecia ter uma

história interessante para contar. E, se havia uma coisa de que Chloe gostava, era uma boa história.

Todos os dias ela o via com sua cadelinha, ao passar de carro a caminho da escola particular grã-fina onde estudava. Fizesse chuva ou sol, ele estava sempre sentado no mesmo lugar, com a cachorra a seus pés. Ali, refestelada no luxo do banco de couro do carro ao lado de sua diabólica irmã mais nova, Annabelle, Chloe o observava pela janela e divagava.

Milhões de pensamentos e perguntas inundavam sua cabeça. Quem seria ele? Por que morava nas ruas? Será que algum dia ele já tivera um lar? O que sua cadelinha comia? Será que ele tinha amigos ou parentes? E, se tinha, será que sabiam que ele era um morador de rua?

Para onde ele ia no Natal? Se alguém quisesse escrever uma carta para ele, que endereço deveria botar no envelope? Talvez “Favor entregar no banco — aquele logo depois do ponto de ônibus”. Quando será que tinha sido a última vez que ele tomara banho? E seria possível que seu nome fosse *mesmo* Sr. Fedor?

Chloe era o tipo de menina que adorava ficar sozinha com seus pensamentos. Volta e meia, sentada na cama, ela se perdia em histórias que inventava sobre o Sr. Fedor. Ali, sozinha em seu quarto, ela criava todo tipo de histórias

fantásticas. Talvez o Sr. Fedor fosse um grande herói dos mares que ganhara dezenas de medalhas por bravura, mas que não conseguira de jeito nenhum se adaptar à vida em terra firme. Ou talvez um cantor de ópera mundialmente famoso que, certa noite, ao alcançar a nota mais alta de uma ária na mais nobre casa de espetáculos de Londres, perdera a voz e nunca mais voltara a cantar. Ou quem sabe ele fosse na verdade um agente secreto russo disfarçado de mendigo para espionar as pessoas da cidade.

Chloe não sabia nada sobre o Sr. Fedor. Mas o que ela sabia, no dia em que parou para conversar com ele pela primeira vez, era que ele parecia precisar *muito* mais do que ela da nota de cinco libras que a garota tinha no bolso.

Ele também parecia solitário; não apenas sozinho, mas com uma grande solidão na alma. Isso deixou Chloe triste. Ela sabia muito bem como era se sentir sozinha. Chloe não gostava muito da escola. A mãe insistira em mandá-la para um colégio particular meio esnobe, só para meninas, e ela não tinha feito nenhuma amiga lá. Mas Chloe também não gostava muito de ficar em casa. Onde quer que estivesse, tinha sempre a sensação de não se encaixar muito bem.

E, para piorar tudo, estavam na época do ano que Chloe mais odiava: o Natal. Todo mundo é obrigado a

adorar o Natal, principalmente as crianças. Mas Chloe detestava. Detestava aqueles enfeites brilhantes, detestava a comida, detestava as músicas, detestava ter que assistir ao discurso da rainha na tevê, detestava os doces, detestava o fato de nunca nevar tanto quanto deveria, detestava ficar sentada tempo demais com a família para um jantar muito demorado e, acima de tudo, detestava ter que fingir estar feliz só por ser 25 de dezembro.

— O que posso fazer por você, mocinha? — perguntou o Sr. Fedor.

A voz dele era inesperadamente afetada. Como ninguém lhe dirigira a palavra antes, o Sr. Fedor ficou encarando aquela garotinha rechonchuda com certa desconfiança. De repente, Chloe ficou um pouco assustada. Talvez, no fim das contas, não fosse uma ideia tão boa conversar com o velho mendigo. Ela planejava aquele momento por semanas, meses até. Não era assim que as coisas se desenrolavam em sua cabeça.

Para piorar, Chloe teve que parar de respirar pelo nariz. O cheiro estava começando a incomodá-la. Era como algo vivo que se arrastava para o interior de suas narinas e queimava o fundo de sua garganta.

— Hã... bem, me desculpe por incomodá-lo...

— Sim? — insistiu o Sr. Fedor, com certa impaciência.

Chloe ficou surpresa. Por que ele estava com tanta pressa? Ele estava *sempre* sentado naquele mesmo banco. Não era como se de repente precisasse ir a algum lugar.

Naquele instante, Duquesa começou a latir para a menina. Chloe ficou ainda mais assustada. Ao perceber isso, o Sr. Fedor puxou a guia da cadela, que na realidade não passava de um pedaço de corda velha, para fazê-la ficar quieta.

— Bem — prosseguiu Chloe, nervosa. — Minha tia me mandou cinco libras para comprar um presente de Natal. Mas na verdade eu não preciso de nada, por isso pensei em dar esse dinheiro ao senhor.

O Sr. Fedor sorriu. Chloe também sorriu. Por um momento, parecia que ele aceitaria a oferta de Chloe, mas então ele baixou os olhos.



— Obrigado — disse ele. — É de uma gentileza inimaginável, mas não posso aceitar.

Chloe ficou confusa.

— Mas por que não? — perguntou ela.

— Você é apenas uma criança. Cinco libras? Isso é generosidade demais...

— Só achei que...

— É muita bondade sua, de verdade, mas infelizmente não posso aceitar. Diga-me, quantos anos você tem, mocinha? Dez?

— DOZE! — respondeu Chloe, bem alto. Ela era um pouco baixinha para sua idade, mas gostava de se achar adulta em vários outros aspectos. — Tenho doze anos. Faço treze no dia nove de janeiro.

— Perdão, você tem doze anos. Quase treze. Vá e compre um desses novos discos para você. Não se preocupe com um velho vadio como eu.

Ele sorriu novamente. Havia um brilho verdadeiro em seu sorriso.

— Se não for muito abuso... — disse Chloe. — Será que eu podia fazer uma pergunta ao senhor?

— Ora, mas é claro que pode.

— Bem, eu gostaria muito de saber por que o senhor mora em um banco e não em uma casa, como eu.

O Sr. Fedor pareceu ficar um tanto desconfortável e nervoso.

— É uma longa história, minha cara — disse ele. — Talvez eu a conte a você um dia desses.

Chloe ficou decepcionada. Ela não sabia se *haveria* um outro dia. Se sua mãe descobrisse que ela estava sequer falando com aquele homem, e ainda por cima lhe oferecendo dinheiro, teria um chilique.

— Bem, me desculpe por incomodá-lo — disse Chloe. — Tenha um ótimo dia.

Logo que as palavras saíram de sua boca, ela ficou sem graça. Que coisa idiota de se dizer! Como o Sr. Fedor poderia ter um ótimo dia? Ele era um mendigo velho e fedorento, e o tempo estava fechando, enchendo o céu de nuvens negras. Ela avançou alguns passos pela rua se sentindo envergonhada.

— O que é isso nas suas costas, criança? — perguntou o Sr. Fedor.

— Isso o quê? — retrucou Chloe, tentando olhar por cima do ombro.

Ela então levou a mão às costas e arrancou um pedaço de papel que estava grudado em seu casaco.

No papel havia uma única palavra, escrita em letras grossas e pretas.

OTÁRIA!

Chloe sentiu o estômago se revirar de tanta humilhação. Rosamund devia ter prendido aquilo nela com fita adesiva na saída da escola. Ela era a líder da gangue dos descolados. Estava sempre fazendo bullying com Chloe, implicando com ela por comer balas demais, por ser mais pobre do que as outras meninas da escola ou por ser a última a ser escolhida nas aulas de educação física. Naquele dia mesmo, quando Chloe saía da escola, Rosamund lhe dera vários tapinhas nas costas, dizendo “Feliz Natal”, enquanto todas as outras garotas riam. Agora Chloe entendeu por quê. O Sr. Fedor se levantou de seu banco, os ossos estalando, e pegou o papel das mãos de Chloe.

— Não acredito que andei a tarde toda com isso nas costas — disse Chloe.

Envergonhada por sentir as lágrimas brotando, ela desviou o olhar e piscou à luz do sol.

— O que foi, menina? — perguntou o Sr. Fedor gentilmente.

— Bem — respondeu Chloe, fungando —, é que é verdade, não é? Eu sou uma otária. Não sirvo mesmo para nada.



O Sr. Fedor se agachou junto a ela.

— Não — disse ele, com autoridade. — Você não é uma otária. A verdadeira otária é a pessoa que colou isto em você.

Chloe tentou acreditar nele, mas não conseguiu. Desde que se entendia por gente ela se sentia uma otária. Talvez Rosamund e todas as outras meninas da turma das descoladas tivessem razão.

— Só há um lugar para isto — disse o Sr. Fedor.

Ele amassou o pedaço de papel e, como um jogador profissional de críquete, o arremessou direto na lata de lixo. Ao ver aquilo, a imaginação de Chloe imediatamente disparou. Será que ele já tinha sido capitão da seleção de críquete da Inglaterra?

O Sr. Fedor esfregou as mãos.

— Destino perfeito para um lixo desses — disse ele.

— Obrigada — murmurou Chloe.

— Por nada — respondeu o Sr. Fedor. — Você não deve se chatear com esses valentões.



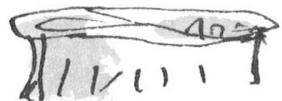
— Vou tentar — falou Chloe. — Foi um prazer conhecê-lo, Sr... hummm... — Ela não sabia como continuar. Todo mundo o chamava de Sr. Fedor, mas ela não sabia se ele sabia. Seria falta de educação dizer isso na cara dele.

— Fedor — completou ele. — As pessoas me chamam de Sr. Fedor.

— Ah. É um prazer conhecê-lo, Sr. Fedor. Meu nome é Chloe.

— Olá, Chloe.

— Sabe, Sr. Fedor — disse Chloe. — Eu ainda tenho que fazer compras. Precisa de alguma coisa? Talvez um sabonete, ou algo assim?



— Obrigado, minha querida — respondeu ele. — Mas sabonetes não têm nenhuma utilidade para mim. Tomei um banho faz pouco tempo, ano passado mesmo. Mas eu *adoraria* umas salsichas. Sou realmente louco por uma salsicha boa e carnuda...